



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

AutORIZADO a circular em invólucro fechado de plástico ou papel. Pode abrir-se para verificação postal.

DE00442018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

17 de Fevereiro de 2018 • Ano LXXIV • N.º 1929
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes



Oratório da Casa do Gaiato de Moçambique

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Em Igreja

SOMOS uma Obra nascida no seio da Igreja, alicerçada nela e desenvolvendo o nosso trabalho em seu nome, participando na sua missão de anunciar a Boa Nova pelo mundo. Por tal motivo, podemos estar em qualquer parte dele, unidos à cabeça que a representa num determinado espaço geográfico – o bispo diocesano.

Assim como Pai Américo nada fazia sem o bispo, *nihil sine episcopo*, nós em cada tempo e lugar, também. Ainda que nos possamos sentir poucos e sós nas tarefas que nos cabem realizar, de facto não estamos sós: «Eu estarei sempre convosco». Trata-se, por vezes, de algum desamparo humano pela sobrecarga nos trabalhos que temos e dos que o mundo pede sem capacidade para lhes responder. Por isso, vamos e batemos à porta dos nossos bispos e os interpelamos em busca de algum companheiro para estas jornadas.

Tudo o que temos e somos não nos pertence, assim como as realidades em que nos movemos. Somos servos que trabalham em nome do seu Senhor, servos inúteis que só fazem o que deveriam fazer. Os frutos que resultam do trabalho feito não são nossos, não

nos apegamos a eles, simplesmente devem ser orientados para que se multipliquem e dêem mais frutos. Apreciamos especialmente os que não são perecíveis, que têm sabor eterno; estes são os preferidos, frutos que transmitem vida aos marginalizados dela.

A certeza de os produzirmos está em permanecermos, como os ramos da videira, unidos à cepa. A garantia humana desta união é dada pela união ao bispo, e, por isso, nada há-de ser feito sem ele.

Na sociedade em que estamos, vive-se da exclusividade das capacidades humanas, da onipotência do homem fora do qual nada se acredita. Todas as suas decisões são naturalmente boas e intocáveis, justificadas pela sua própria vontade. Nós não pensamos assim...

O princípio e o fim da vida e o que nela se realiza, estão orientados para o Senhor dela, e nela Ele se faz presente e se faz representar; está connosco e se representa nos que envia. Vivemos imersos nesta fé e neste espírito, congregando os nossos esforços em favor da ajuda aos presos ao abandono, incapazes de se libertarem sozinhos das amarras que a pobreza e o abandono tecem.

O «ande lá», do seu bispo, a Pai Américo, foi alento e sopro que lhe afastou incertezas e vanglórias. Ontem como hoje, é palavra que não resolve dificuldades nem aplanar os caminhos, mas é luz que se acende e mostra o caminho por onde seguir. O esforço no andar é nosso, mas a palavra e a presença do bispo confirma e manifesta o seu valor. □

ocupasse da sua tarefa como se eu estivesse em Casa.

Final, eu já conhecia a habitação e tinha-a provido de um armário de cozinha montado por nós, beliches num quarto que foram daqui, mais um sofá e duas mesas, uma de sala e outra de cozinha.

Na parte de baixo do beliche estava deitado um menino de cinco ou seis anos que tinha sido operado no Hospital da Estefânia, em Lisboa o qual era a origem do clamor materno.

A alegria da minha presença naquele lugar notava-se em todas as pessoas, era a esperança da solução de algum problema impossível.

— Não temos frigorífico para guardar, na temperatura exigida, os antibióticos para o doente.

Os electrodomésticos são uma carência bruta em qualquer casa de família, de tal maneira que eu não posso ir a casa dos pobres e vê-los sem fogão para fazer comida, um frigorífico para conservar sobras, peixe, carne, ovos, iogurtes, etc.. Não posso.

Não sei o que me dá, inunda-me uma tristeza imensa, fico indignado com tanto desperdício por aí fora, tantos luxos e despesas inúteis e os pobres a passar tanta necessidade. É a indiferença, esta terrível maleita que se desenvolve nas cidades.

Continua na página 4

SINAIS

Padre Telmo

SEMPRE, depois do jantar na Casa de Malanje, passava pela salinha das senhoras, onde a *ti Ana* — carinhosamente — ajudava os «Batatinhas» nos trabalhos da Escola ou lhes ensinava a doutrina. *Ti Ana* veio com seu marido de Barcelona passar dois anos connosco. Os mais pequeninos queriam-lhe como mãe. Retirava-me devagarinho saboreando num enlevo o quadro de encanto.

Todos nos estremeçamos de saudade e amor ao simples pronunciar a palavra Mãe! Pai Américo sonhou com uma senhora (mãe) em cada Casa. Como que não concebia uma Casa do Gaiato sem uma senhora — também mãe. Nem sempre tem sido possível... Também já não temos pequeninos a quem chamávamos «Batatinhas» — os serviços sociais colocam-os em lares de acolhimento onde não há mãe.

Com que saudade recordo as que conheci e com gratidão o benefício da sua presença.

Há dias, fui ao cemitério numa aldeia de Miranda do Corvo onde está sepultada a nossa Maria da Luz que deu a vida pelos nossos rapazes estudantes no Lar de Coimbra. Em oração, olhando a sua foto, recordei a sua dedicação, carinho e amor pelos rapazes, a quem tratava como filhos e, também, com emoção, tantas das nossas *Mães* que o Senhor já lá tem: Mãe Sofia, Mãe Virgínia, Mãe Hortênsia, Mãe Diamantina, Mãe Margarida, Mãe Teresa, Mãe Isaura, ainda jovem, mas que o Senhor chamou... Outras que ainda nos confortam e edificam com sua presença, sua ajuda e dedicação: a Teresa, a Esmeralda, a Adelaide, a Preciosa, a Nazaré e Maria do Rosário, a D. Conceição que em Setúbal atende também, todos os dias, os pobres da Cidade... Não podemos deixar de lembrar a Irmã Quitéria que em Moçambique se entrega totalmente aos rapazes daquela nossa Casa, de quem tem sido uma verdadeira Mãe. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Peço desculpa às meus fervorosos leitores de ser às vezes um nadinha presumido e armar em mestre Inácio; mas eu tenho um desejo, uma grande aflição: Revelar as riquezas do Evangelho aos pagãos. Aos pagãozinhos dos nossos tempos, que procuram imitar os cristãos e querem ser assim chamados.

De como eu fui, p 263.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O pobre clamou, o Senhor o ouviu, assim grita o salmista na oração diária que os consagrados repetem, milhentas vezes.

Não sei se se entende muito bem o sentido deste grito divino.

Entendem alguns que pobres são todos os homens, e é verdade, pois nenhum tem na mão a sua própria vida, embora haja quem se considere rico, não se identificando com a expressão do salmista, mas, na verdade, não passam de ser como erva à beira dos telhados que reverdece na Primavera e seca nos primeiros dias de Verão.

O ouvido do senhor está particularmente atento à voz dos que vivem no limiar da pobreza para os socorrer e lhes dar consolação e luz.

— Ó, senhor padre, venha a

minha casa! — Será a voz do pobre ou antes a voz de Deus?

Era sábado e este dia é, para mim, excepcionalmente ocupado.

Os rapazes não têm aulas e encontro sempre serviços a fazer no campo, na vacaria, nas pocilgas e, até, nos galinheiros. Há ainda outros que precisam de ajuda na matemática, no inglês e na físico-química — e as manhãs de sábado são preciosas. Todos os trabalhos exigem distribuição, esclarecimento e vigilância! Mas a voz do pobre, naquela manhã, soou-me como vinda do céu.

Conheço bem os bairros e não me atrapalham nada, nem os blocos, nem os números.

Pedi às senhoras que me organizassem dois avios, pus algumas notas na carteira e fugi de Casa, tentando fazê-lo despercebidamente para que cada rapaz se

PAÇO DE SOUSA

Daniel Pina

POMAR — Para o nosso pomar, resolvemos comprar árvores de fruto para substituir as que secaram. O Paulo «Mudo» fez a plantação. No galinheiro do pomar nasceram 4 porquinhos de uma porca preta que lá temos. Esperamos que cresçam bem. Num destes dias tivemos arroz de pato ao almoço, vindos deste nosso galinheiro.

CAMPO — Num destes dias, o sr. Jorge e o «Meno» andaram a preparar o campo da horta para lá semearmos a batata de semente. É um trabalho feito com a máquina de semear, em que os nossos Rapazes vão sentados na máquina e metendo a batata na correia giratória que a deposita na terra. A batata é muito importante para as nossas refeições, pelo que esperamos ter uma boa produção.

MUSEU — O nosso carpinteiro sr. Faustino e o seu ajudante Manuel, terminaram o tecto do pátio de entrada do nosso Museu, que era o último trabalho que faltava realizar. Têm vindo cada vez mais visitas interessadas em visitá-lo. Da nossa parte, queremos que as pessoas conheçam melhor a vida e a Obra do Pai Américo.

CASA DO BAIRRO — Nesta casa que pertence à nossa Obra e fica junto à nossa Aldeia, Pai Américo esteve várias vezes a descansar, assim como outras pessoas amigas. Decidimos efectuar nela várias limpezas que estavam a ser necessárias para que se conserve em bom estado e fiel à sua tradição.

AZURARA — Na nossa Casa de Férias, resolvemos fazer alguns arranjos nas partes da casa que o clima da beira-mar afectou. A estrutura de betão e ferro, com o passar dos anos, vai ficando corroída pelo salitre que anda no ar, assim como as pinturas e todas as peças metálicas. Os trabalhos já terminaram, estando a casa pronta para receber os nossos Rapazes em segurança e em boas condições, nas próximas férias de Verão. □



DOCTRINA

Pai Américo

Desde que me tornei sacerdote nunca mais deixei de servir

Venho agora mesmo de lá; melhor, vimos, porque o Júlio também foi. Eu tinha celebrado na Igreja dos Congregados e depois fui ao «Imperial» pelo café e depois fui ao cambista Cândido Dias trocar por notas de Portugal uma data delas do Brasil e assim munido, dirigi-me à beira-rio quando, no caminho, encontro o Júlio. Fomos os dois. Eu gosto de levar comigo testemunhas.

Era de manhã. Os passeios regurgitavam. Olhava-se das portas. Éramos perseguidos. Na primeira casa aonde entrámos, ela é a Doente e o marido estava ao pé. Acabaram-se-lhe os nove meses da Providência e a Conferência de S. Vicente de Paulo fala-lhe, semanalmente, com 6\$00.

É uma visita farta e consoladora. «Isto também é das senhoras da Conferência», e apontava um chambre de flanela verde com que se cobria. «Eu só tenho ossos» — e enquanto dizia, preparava-se para me mostrar o corpo. E eu disse-lhe que não, por amor do Júlio ali presente. Estes meus rapazes são dum mundo novo; duma doutrina nova. Estão cheios de sangue e de vida. Não quero que eles vejam ossos.

Despedimo-nos. O marido, ainda novo, acompanhou-nos até à porta. Um nadinha abaixo sai-nos uma mulher a pedir que entrássemos em sua casa. Não era bem por ela, mas tinha recolhido uma rapariga que ontem chegara da maternidade e queria que eu a fosse ver. Fui. Entrámos todos e daí a nada, Júlio sai pela porta fora com as mãos no nariz... Eu não. Eu ando afeito. Desde Julho do ano de 1929, em que me tornei sacerdote, nunca mais deixei de frequentar e servir o quinhão que Deus me destinou pela Sua misericórdia. Ouvia-se a voz da recém-mãe e os gritos do filho; mas não se enxergava uma coisa nem outra, pela escuridão. Demorei-me alguns minutos. Soube que pagava de renda 10 tostões por dia e que uma vizinha lhe dava todos os dias um cantarinho de água. Fora, na alcova, era uma sala espaçosa, com muitos catres em pé. Num dormia um velho. Noutros estavam crianças. Soube que os espaços, aonde as camas estão, são alugados por um tanto e ao dia, às pessoas que os requerem. Isto é o Barredo.

Sáf. Dantes, em Coimbra, andava sempre munido dum frasco de álcool e à saída de lugares assim, esfregava as mãos e a cara e a cabeça. Agora não. Agora estou cansado e não se me dá de acabar. Ando morto por morrer. Quando aqui há tempos soube da morte do Padre Flanagan, pousei o jornal e fiquei a cismar e a cismar e a cismar. Quanto não teria aquele homem sofrido! Ele já se foi e eu ainda por cá ando...

Júlio estava no mesmo sítio. Deu-me o braço. Caminhávamos juntos. Entrámos noutras casas do mesmo estilo. O rapaz, fulgurante como é, ia-me dizendo que os senhores que fazem discursos acerca do que está feito, haviam de pisar e cheirar estes caminhos, para serem mais sóbrios e mais humildes. Eram onze horas. Júlio foi dar voltas e eu também. Era uma da tarde quando nos sentámos a comer e pouco depois estávamos em Paço de Sousa. Júlio, instalado no «Another», não se cansava de lembrar e relembrar o que naquela manhã ouvira, em uma das nossas visitas. Foi assim: Na casa aonde esgotei o dinheiro, gemi que não tinha mais e que também poderia vir um dia a cair naquela miséria. Nisto acode o grupo: «Não, Padre. Nunca. Nós não deixamos».

in *O Barredo*, pp 106-109.

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

AGROPECUÁRIA — Conforme as previsões do Instituto do Mar e da Atmosfera, entre outros, também no distrito de Coimbra tem havido aviso amarelo devido às baixas temperaturas que se têm feito sentir. Este é o tempo das podas, como as árvores de fruto do pomar (a poente) e atrás da nossa Escola. Foi concluída a grande sementeira da aveia, nos nossos terrenos de baixa, à volta da rotunda Pai Américo, desde o campinho (a nascente) à vessada. Também foi semeado o terreno junto ao olival dos poços. Foram fresadas as terras próximas da nossa nascente de água — o olival da mina. As lenhas das podas têm sido apanhadas e queimadas, com cuidado. Temos boa lenha e bem arrumada no barraco, que vamos gastando na lareira da nossa sala de televisão, onde nos aquecemos ao fim do dia. O cordeirinho não larga a ovelha mãe e durante o dia o pequeno rebanho vai saindo do ovil para pastar numa cerca. Temos muitas rolas na passareira, cinco patos e um gato, brancos e bonitos.

ESCOLAS — Com as mini-férias escolares de carnaval, o segundo período foi interrompido. A 9 de Fevereiro, no desfile das Escolas do concelho, participaram vários Rapazes desta Casa (do 1.º Ciclo) com o tema Floresta. Os estudantes frequentam várias Escolas: Centro Educativo e EB1 de Rio de Vide — 1.º Ciclo; Escola 2.º/3.º Ciclos com Secundário de Miranda do Corvo — Desporto; Escola do Senhor da Serra; Escola Profissional Beira Agueira (Penacova) - Cozinha; APCC (Conraria) — Agricultura e Mecânica. Depois de chegarmos à nossa Casa, vindos das Escolas, fazemos os trabalhos para casa, no nosso Centro de Estudo, e somos todos acompanhados pelos nossos Professores Destacados. Temos de aproveitar bem as oportunidades que nos são dadas para estudarmos.

VISITANTES E PARTILHA — Mais na quadra natalícia, vieram vários amigos e amigas ao nosso encontro para nos conhecer e trazer as suas partilhas, especialmente em géneros. Houve grupos de visitantes, dos quais referimos: Dezembro — dia 9, os trabalhadores da empresa WEAS (Cernache — Coimbra); dia 17, os crismandos de Condeixa-a-Nova e Condeixa-a-Velha; dia 19, responsáveis da McDonald's (Av. Fernão Magalhães e Fórum — Coimbra); dia

21, Professores das Actividades de Enriquecimentos Curricular, da Vila; dia 22, avós da capela de Santa Ana (Mealhada). E, também: Jardim de Infância de Lagoa Parada; Baldios de Vila Nova; EB1 de Rio de Vide; EB1 e Jovens de Semide; Bombeiros, Biblioteca Municipal e MOVE — Lousã; EB1 de Lamas; ACUINOVA (peixe) — Praia de Mira, Banco Alimentar (Coimbra). E, ainda, entre outras localidades: amigos de Miranda do Corvo, Lousã, Vila Seca, Ceira, Vila Nova de Poiares, Figueiró-dos-Vinhos, Coimbra, Casais do Campo, Figueira da Foz, Porto, Póvoa de Varzim, Paços de Ferreira, Penafiel, Lixa, Espite, Castelo Branco, Tavira, Ponta Delgada; Comunidades do Arciprestado de Chão de Couce, Paróquia de Alqueidão; etc..

Em 6 de Janeiro, fomos participar numa bonita festa da Epifania em Matos da Ranha (Vermoil), com Eucaristia e jantar, trazendo uma boa campanha desta comunidade cristã muito amiga.

A todas as famílias e entidades que nos têm ajudado, os nossos agradecimentos e um bom ano, com saúde e paz!

ARRANJOS — Foi necessário reconstruir parte do muro de suporte junto à nossa entrada antiga, na rua Casa do Gaiato, que caiu com um temporal neste Inverno. Esta obra que vai custar cerca de cinco mil euros, foi entregue a uma empresa local, para fazer um muro de betão. Ainda falta um reservatório para aproveitar a água sobrando da nossa fonte.

Fomos contactados pelo Tribunal de Família e Menores de Coimbra e pela Escola Superior de Enfermagem de Coimbra para irmos buscar cadeiras e outros móveis usados. Agradecemos e, depois de arrançados, vamos aproveitar.

CONTACTOS — Para os nossos amigos e amigas que nos querem contactar e ajudar nas nossas despesas, damos esta informação:

Obra da Rua — Obra do Padre Américo, Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, Rua Casa do Gaiato, n.º 628, 3220-034 Miranda do Corvo.

Telef.: 239 532 125; Fax: 239 532 099.

E-mail: gaiatomiranda@gmail.com

NIB (CGD): 003504680000557733018. □

BEIRE — A arte de saber ler O Gaiato

Um admirador

Escutar bem, para melhor compreender. Naquele dia, à mesa, a conversa decorria informal. E, fruto do *clima ambiente* que então se vivia à volta da, injustamente forçada, ausência de Padre Baptista, a coisa saiu-lhe assim: (...) — *Porque eu ainda acredito n' O GAIATO. Preciso de ver que a doutrina que ali se prega também é cumprida nesta Casa. Se não, rasgo o jornal antes de o ler e vou-me embora daqui.*

Fiquei calado, mas a *ruminar*. E ruminei, ruminei, ruminei. Porque os sentimentos de cada um merecem-me todo o respeito e compreensão. Depois, não sei por que *associação de ideias*, lembrei Pai Américo, em testamento aos Padres da Rua, a propósito do nosso jornal: (...) *Escrevam como quem reza.* Cá bem por dentro, passamos crónicas e crónicas d' O GAIATO que foram para mim uma fonte de “Mais Vida e Vida em abundância”. Em momentos decisivos da minha vida. Páginas d' O GAIATO que me marcaram e muito contribuíram para o meu, ainda inacabado, processo de amadurecimento. Crónicas de Pai Américo, P.º Telmo, P.º Baptista, P.º Carlos, P.º Acílio, P.º Horácio. E até certas “cartas dos leitores”

e crónicas dos rapazes. Cada um de seu jeito, naquele dia, àquela hora, *aquela crónica* foi-me um marco a balizar o meu **PRO+** seguir, rumo ao meu hoje, aqui e agora. Por isso quero tanto a esta Obra da Rua, neste Calvário e nesta Casa do Gaiato. Por isso mesmo, enquanto for preciso e a vida mo pedir, eu não vou abandonar a barca. É-me demasiado evidente que, também aqui, “o reinado Deus” está em marcha. Para não mais parar.

De Pai Américo a Mahatma Gandhi. Sem saber como, de Pai Américo, passei a Gandhi. Um bocadinho mais velho que Pai Américo, mas ainda contemporâneos. Gandhi, o incansável lutador pelos direitos dos imigrantes índios na África do Sul. Lá para onde Pai Américo sentiu a célebre *martelada* que o arrancou das “coisas do mundo” para se entregar, de alma e coração, aos *filhos da rua*, em que já começava a ver *Filhos de Deus*, agrilhoados pelo desprezo social... Gandhi, nessa sua fidelidade a uma “crença inabalável no protesto pela *não violência* e pela tolerância religiosa”. Fixo-me naquela sua arte de arrastar atrás de si multidões que, com ele, passaram a acreditar

na “satyagraha” — a não violência. Uma resistência passiva contra as injustiças cometidas sobre o seu povo. Num dinamismo de tal modo *humanizador* que arrastava por atracção. E acontece que também Gandhi falou sobre a importância do escrever. (...) *Escrever sim, mas tudo e só pela libertação dos oprimidos.*

Caio na conta de que, por caminhos diferentes, ambos eles deram a sua vida pela implantação do mesmo “reinado de Deus” — um “santo”, no Catolicismo e um “mahatma”, no Induísmo!. Como que irmanados na mesma Fé, *viram* que a vontade d' o seu Deus é a felicidade dos homens por Ele amados. Em ambos a mesma tónica posta n' os últimos, os mais oprimidos pelo sistema social vigente.

Viver em conformidade com o que... Questiono-me. Faço silêncio. Deixo que me questionem. Como passa de mim e chega até vós *ISTO* que, em cada quinzena, me sai do *coração para o papel?* Uma forma de rezar? Uma forma de luta pela melhor *qualidade de vida* destes rapazes e doentes que a socie-





VINDE VER!

Padre Quim

A semente de hoje

O novo ano escolar arrancou em todo o País. A nossa escola volta a acolher um grande número de crianças vindas das comunidades vizinhas em busca de preparação escolar. Os pais ou encarregados procuram, para os seus, as escolas que funcionam com alguma qualidade. Os nossos rapazes frequentam a nossa escola desde a primária até ao primeiro Ciclo do Ensino Secundário, e continuam o seu processo escolar nos Institutos do segundo Ciclo na cidade. Vejo os nossos, logo pela manhã, preparados com a bata posta e mochila às costas. Vão alguns em grupo, outros sozinhos. Vão em busca do amanhã sem o saberem. Vão receber a boa sementeira para estimular a inteligência. Vão moldar o comportamento. Vão em busca do progresso. Progredir, é ser gente útil. Progredir, é dizer sim à realização pessoal. A Educação, em Angola, tem, hoje, muitos desafios a enfrentar, num contexto de carência económica e de bens de primeira necessidade.

No início de cada ano lectivo, penso naquelas crianças que ficarão fora do sistema de ensino, por

variadíssimas razões. Todas elas infundáveis, comparando com o direito que lhes está consagrado. Penso naquelas crianças que não têm pão e têm de percorrer quilómetros a pé para chegar à escola. Penso naquelas crianças que estão na rua abandonadas e já terminaram a escolaridade mesmo sem nunca a ter começado e preparam-se para aterrorizar a sociedade. E, ainda assim, a criança é o futuro da Nação! Que contradição fria. Penso naqueles pais que regressam com o processo do filho para casa por não ter acesso à 10ª classe. Penso também naqueles adolescentes e jovens que desistem dos seus sonhos, por não acreditarem na possibilidade da sua realização. Chegando mesmo a abandonar a escola por preferirem comportamentos de risco. *“Tudo parece impossível até que um dia seja feito”*, citando Nelson Mandela. Penso ainda no professor que ensina de barriga vazia e mente confusa, por lhe faltar pão em casa, electricidade e outros meios para melhor planificar as aulas. Penso e repenso e... qualquer dia já não penso!

dade ainda não sabe acolher? (...). Agora, entendo melhor um curioso relato de Arand T. Hingorani a quem, depois da morte de sua esposa, Gandhi sempre ia visitar. “Para me animar e consolar-me — conta Arand —, sempre que ia visitar-me, deixava-me por escrito assim qualquer coisa que dava para eu meditar”. Num belo dia, Arand perdeu a Mahatma (O Venerável!) Gandhi que escrevesse para ele um pensamento que lhe servisse para meditar em cada dia. A partir de 20 de novembro de 1944, durante quase dois anos, Gandhi escreveu ao amigo os pensamentos solicitados.

Quando já no ano de 1946, Arand pediu licença para publicar aqueles “pensamentos”, Gandhi

replicou: “Mas o que é que têm assim de especial para te deixarem tão desejoso de os publicar? Se queres mesmo publicá-los, fá-lo, mas só depois da minha morte. Este tipo de escritos não costuma aparecer em vida do seu autor. Porque, quem sabe?! Pode acontecer que nem mesmo eu seja capaz de viver sempre em conformidade com o que escrevi! Mas, se me mantiver fiel a eles até ao último instante da minha vida, então, e só então, valerá a pena publicá-los”.

Olho os *Padres da Rua* que, ao longo dos já sessenta e dois anos que Pai Américo partiu, têm dado vida a O GAIATO. Olho os que também já partiram: P.º Luís Barata, P.º Carlos, P.º Horácio, P.º Zé Maria. Olho os que estão

Acredito nos homens e mulheres de boa vontade. O País está numa fase de mudança, o quadro social vai melhorar; então, hei-de escrever, sim, escola para todos e educação de qualidade.

Acredito que os frutos do amanhã se encontram na semente de hoje. A semente tem força, rasga a terra e brota, embora frágil, mas segura. Sobrevive no meio das adversidades e consegue atingir a sua realização. Assim é a criança que vai à escola, muito pelo querer dos pais, mais pelo seu.

No ano passado, tivemos uma boa colheita a nível escolar. Vai ser com o mesmo entusiasmo que vamos pedir o mesmo aos rapazes. Os poucos que reprovaram não tiveram férias junto dos seus parentes.

Na educação há duas palavras muito amigas: prémio para quem trabalhou e castigo para quem já teve férias em tempo que deveria estar a trabalhar.

E quem não quiser aplicar este método enquanto educador, desincentiva aquele que se esforça por buscar sempre mais. Se a criança não for repreendida pelo seu mau comportamento, ela crescerá pensando que não existem regras na sociedade.

A conclusão é de Pai Américo, *“ninguém pergunta como se faz: faz-se”*. □

a precisar de *quem renda os que estão cansados* — P.º Telmo, P.º Baptista, P.º Manuel António e P.º Acílio. Olho os que ainda são *Esperança* de um novo dia que vai nascer — P.º Rafael, em Malanje; P.º Júlio, em Paço de Sousa; P.º Manuel Mendes, em Miranda; P.º Quim, a apoiar Benguela. E, já com o pé na soleira da porta, mais *um sonho*, para Maputo.

Olho e rezo: **Senhor, eu sei que a Tua vontade é que nenhum dos Teus filhos se perca. Também esses que, sem família e/ou já órfãos de pais vivos, ainda abundam nas vielas da cidade ou nos recônditos das aldeias. Sei. Por isso, com as minhas pequenas tarefas, quero ainda ser útil ao mundo, fiel à tua chamada.** □

SETÚBAL

Padre Acílio

Artes

FAZ parte do nosso projecto educativo conduzir os rapazes para todos os campos do bem e do belo ainda que o caminho seja longo; e ajudá-los na persistência do seu ideal.

Contaram-me (eu não vejo televisão por falta de tempo) que o Luís Aleluia se derreteu em elogios à Casa do Gaiato e à minha pessoa, em entrevista, há pouco havida, num dos canais televisivos mais à mão dos portugueses.

O artista que este Senhor é, deve-o aos seus dotes naturais que encontraram, da sua parte, uma colaboração genial. Não foi a Casa do Gaiato que lhe deu essas faculdades. Elas estavam na sua pessoa, nós apenas o ajudámos a descobri-las.

Ele é hoje um grande artista no palco e no ecrã mas, mais que isso, um homem enriquecido por uma gratidão inapagável à Casa do Gaiato, por um papel de pai amorosíssimo com dois filhos e uma ternura indissolúvel com sua esposa.

Esta grandeza de homem ultrapassa, para mim, a do artista.

Na TV Globo do Brasil encontra-se o Paulo Rocha muito admirado no país irmão o qual não se cansa de repetir, sempre que fala em público, que fui eu, quem o levou para o Teatro Experimental de Cascais, após ter observado a sua queda para a representação.

Na dança o Ivanoel Tavares tem brilhado em todo o País e, até, no estrangeiro com um perfil próprio e uma beleza de gestos admirável.

Agora o **Osias que veio de Moçambique** por não encontrar lá saída à altura das suas capacidades, vai apresentar varias exposições de pintura com quadros da sua autoria a começar pelo Teatro de São Carlos em Lisboa, de **8 a 28 de Fevereiro**, com outras, já marcadas em vários pontos do País. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A GANÂNCIA — Há dias, numa das voltas que costumamos fazer pelas Casas do Património dos Pobres da paróquia, na função que a nossa Conferência Vicentina assumiu, desde há muito, de colaborar com a Fábrica da Igreja no zelo por este recurso, demo-nos conta de situações que são fruto da ganância.

Se, na generalidade dos casos, os vizinhos destas casas também colaboram nesse zelo por essas casas e no cuidado por quem lá mora, há um caso, ou outro em que o que existe é ganância. Mais precisamente, o que vimos foi a apropriação indevida de nesgas de terreno pertencentes a estas casas e outras tropelias por parte de certos vizinhos.

Quem assim faz deveria saber que, quando for para o outro mundo, não vai levar na bagagem essas nesgas de terra, e que quando lá chegar a sua hora de prestar contas, o Criador vai perguntar-lhes o que é que fizeram cá neste mundo por Ele, encarnado nos mais pobres.

Infelizmente vê-se muito disto por aí, ou seja, pessoas a roubar a outras “nesgas de terra” de vários tamanhos e feitios, fazendo-o muitas vezes a quem menos tem.

Nenhum de nós está isento deste pecado. Por vezes, sem querer, podemos estar a tirar a outros, indevidamente, algo que até pode parecer pouco, mas que para eles é muito.

Por isso, temos todos obrigação de, não só estarmos atentos para não cairmos nesta tentação, mas também de dar aos outros as “nesgas de terreno” que lhes fazem falta para terem uma vida condigna.

Os nossos contactos (só para assuntos da Conferência e não para assuntos da Administração do Jornal):

Conferência de Paço de Sousa
A/C Jornal O Gaiato
4560-373 Paço de Sousa

Telem. 965464058 • E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt

O nosso NIB: 004513424003543534043 □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.pt • obradarua@iol.pt

facebook.com/Casa.do.Gaiato

www.obradarua.pt

https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/

IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

N.I.P.C. 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 21050

Director: Padre Júlio

Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)

Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

In memoriam
Padre Manuel Durães Barbosa

O escritor não diz só o que escreve; diz também o que é.

[Frei Junípero — Américo Monteiro de Aguiar, 8-XII-1926.]

Nestas colunas eclesiais, a memória grata dos servidores da Igreja também tem o seu sentido e lugar devido, nomeadamente quando estão ligados de qualquer modo à causa dos pobres.

Isto aconteceu com o Padre Manuel Durães Barbosa, da Congregação do Espírito Santo. Este missionário espiritano nasceu em Roriz (Barcelos), em 19 de Junho de 1941, e foi ordenado Presbítero em Ponte de Lima, em 25 de Setembro de 1966. Na noite de 12 de Janeiro, aos 76 anos, no Seminário da Silva (Barcelos), foi chamado para a glória do Senhor. Formou-se em Teologia, na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), em 1967; e, de 1968 a 1971, frequentou a Pontifícia Universidade Salesiana, licenciando-se em Ciências da Educação. Em 1982, foi eleito Superior Provincial dos Espiritanos, cargo que desempenhou até 1988. Foi, ainda, missionário no Brasil, professor na Universidade Católica Portuguesa, director nacional das Obras Misionárias Pontifícias e reitor da igreja de S. Luís dos Franceses, em Lisboa.

No centenário do nascimento do Padre Américo, em 1987, as Edições Salesianas (Porto) publicaram o seu livro *Padre Américo — Educar ao sentido da responsabilidade*, correspondente ao texto (revisto e actualizado) apresentado pelo autor na Faculdade de Ciências da Educação, em Roma. Na breve apresentação desta obra, de 2 de Fevereiro de 1987, informou que a ideia deste trabalho se prendeu com a necessidade de apresentar um trabalho sobre pedagogia de renome ou experiência pedagógica de verdadeiro valor. E confessou, também: *imediatamente pensei na experiência do Padre Américo e, em concreto, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. De facto, ainda como estudante de Fraião, em Braga, a visitara de relance, num dos habituais passeios anuais. Referiu ainda que viveu algum tempo a vida dos gaiatos nessa Casa. Este livro teve uma segunda edição em 1988, no centenário da morte de S. João Bosco, alterando o subtítulo para *Padre Américo — Educação e sentido da responsabilidade*. No tocante ao apêndice, entre as diversas facetas da vida do Padre Américo, escolheu duas — *Apóstolo e Pai dos pobres e Artista da Palavra*, dizendo que: *A primeira vitaliza e explica, pelo menos em parte, o seu dinamismo e enorme criatividade em prol dos mais pobres e carenciados. A segunda, pouco referida e estudada, revela-nos Padre Américo como jornalista e escritor.**

Desta faceta, acenamos breves afirmações de crítica literária, em que se adentrou. Agostinho de Campos, a 19 de Fevereiro de 1942, na Emissora Nacional, referiu que *o autor destes livros [Pão dos Pobres] é dos bons prosadores portugueses do nosso tempo, vernáculo, nervoso, cheio de carácter, e que*

sabe dosear natural e perfeitamente, no seu estilo, a tradição clássica e a vivacidade popular. Em 1956, foram publicados muitos artigos a propósito da morte do Padre Américo. De relance, duas notas sobre o escritor. João Maia escreveu que *foi ele também um escritor da melhor nota, elementar, directo.* E Mendes Fernandes disse, também: *O estilo do Padre Américo, inconfundível, incisivo, nervoso, botava lume, subjugava. Era termo-cautério. Não podia ler-se distraidamente, com indiferença. Foi o Padre Américo um dos maiores jornalistas do nosso tempo. E, sem dúvida, um génio do coração.* Em 1971, António Alçada Baptista, na sua *Peregrinação Interior*, continuou nesta linha mercedamente laudatória: *o Padre Américo, além do mais, escreveu do melhor português do seu tempo.* Zacarias de Oliveira, em 1972, num belo artigo *O Cantador*, observou com pertinência que *ainda não apareceu um estudo do escritor Padre Américo e as suas duas obras, literária e social, dão-se as mãos.* Desta faceta, nos 60 anos da morte de Pai Américo (2016), lançámos a Henrique Manuel Pereira o desafio de um esboço para o colóquio *Padre Américo — Uma vida ao serviço dos Pobres na Igreja*; de que resultaram incisivas *Notas sobre o Artista da Palavra*, em que conclui: *foi um criador, por outras palavras, um poderoso transformador da realidade, querendo que se visse para lá do que ela mostra.*

Na verdade, deixou-nos um riquíssimo tesouro literário, marcado por profunda espiritualidade cristã, conforme escreveu no *Pão dos Pobres* (1941), que foi um arranjo das suas notas semanais desde 1932 no jornal *Correio de Coimbra*: *Se picares as suas letras com um bico de alfinete, há-de ver que deitam sangue, tão vivos são os casos que elas nararam. A hóstia branca, depois de consagrada, já não é pão de trigo; é o Corpo do Senhor. Todas as palavras do livro são consagradas ao Pobre. Parecem letras de imprensa; são o corpo mai-la vida deles!*

Depois desta brevíssima incursão literária, explorada pelo Padre Manuel Durães, é de justiça e importante notar que se debruçou com mestria como Teólogo Censor dos escritos impressos do Servo de Deus Padre Américo, na Causa de Beatificação, nomeado (com o Cónego António Taipa) pelo Bispo do Porto D. Júlio Tavares Rebimbas, em 15 de Março de 1988; os quais, depois, deram parecer favorável.

O Padre Tony Neves, actual Superior dos Espiritanos, pediu que *Deus o recompense por uma longa vida totalmente dedicada à Missão.* A Missa exequial, em 13 de Janeiro, foi presidida por D. Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga, em Salvador do Campo (Barcelos). É assim, na sua páscoa e modestamente, que homenageamos um bom amigo missionário, também por ter estudado e lido afinadamente, como missão eclesial, a obra literária de Padre Américo, cujo serviço foi meritório para a Igreja em Portugal, terra de Santa Maria e também de missão. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Nós acreditamos
no Amor do nosso Deus

NÃO nos cansemos de fazer o Bem. Sejamos generosos, dando do que temos, em partilha de amor com os pobres e filhos necessitados. A nossa querida Casa do Gaiato de Benguela é constantemente solicitada para acolher filhos abandonados, se o coração de cada um dos benfeitores não desfalecer, colherá o fruto da sua generosidade, no tempo oportuno. Portanto, enquanto temos a energia do Amor, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente com os nossos irmãos necessitados e os filhos mais pobres, abandonados.

Não esqueçamos que cada um recolhe o que tiver semeado. Haverá tesouro maior na pessoa humana do que um coração cheio de Amor? Um sinal da sua grandeza está na partilha dos seus bens com os mais necessitados. Nós conhecemos e acreditamos no Amor do nosso Deus e Pai. Ele é Amor e quem permanece no Amor permanece em Deus e Deus nele. Guardemos, com muita coragem, esta verdade no nosso coração.

Quem não quer ser feliz? Todos queremos ser felizes. Não deixemos o egoísmo, aquela força contrária à verdadeira felicidade, que domine o nosso coração. Vamos dar as mãos para nos ajudamos uns aos outros, em especial os mais pobres e os filhos abandonados acolhidos na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Caminhemos com muita esperança. Sejamos solidários. Não queiramos fazer parte dum mundo em que uns vivam na abundância e os outros careçam do mais indispensável. Estar, de verdade e não só de palavras, com os pobres de sempre, é uma atitude fundamental para o coração verdadeiramente humano. Não podemos permanecer apartados dos problemas dos nossos irmãos mais pobres, em especial. Seria tornar falso radicalmente o sentido da nossa atitude humana. Façamos o que estiver ao nosso alcance, com a partilha dos bens que temos com os mais pobres e os filhos abandonados.

Hoje, Domingo, tivemos a nossa reunião dos filhos mais responsáveis pela vida da nossa Casa do Gaiato. É a reunião dos Chefes. Esta forma de viver traduz o pensamento de Pai Américo, a respeito da forma de ser da Casa do Gaiato: “Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.” Sem dúvida, como numa casa de família, os filhos mais velhos, os mais capazes, assumem a sua parte de responsabilidade na condução da vida dos restantes filhos. Estamos, ainda, no início do novo ano. Há necessidade de rever as situações que necessitam de alterações. Assim aconteceu. Foi feita uma avaliação geral da forma como decorreu a vida da nossa Casa, ao longo do ano passado. Várias propostas foram feitas para a correcção do que não esteve bem. O plano da próxima reunião marcada para a próxima semana ficou agendado. Deste modo, a presença dos filhos na vida da nossa Casa é responsável e cheia de energia.

O ano lectivo de 2018 começa, dentro de dois dias. Os últimos tempos foram dedicados à preparação das condições necessárias para um início cheio de esperança. A dimensão escolar é, sem dúvida, um factor essencial na vida destes filhos, como deve ser na vida de todos os filhos. Os pais, sem dúvida, conscientes das suas obrigações educativas para com os seus filhos, tudo fazem para que o seu edifício educativo tenha um alicerce seguro. Queremos fazer todo o possível, para que estes nossos e vossos filhos tenham condições seguras para o seu progresso nas várias modalidades educativas. Há um grupo numeroso para as primeiras classes. No ensino médio há, também, um número animador. Recebemos algumas ajudas para o material escolar. Nesta fase da vida destes filhos é, sem dúvida, um factor importante. Queremos fazer tudo, com as mãos dadas às vossas mãos, para que estes filhos sejam os homens de amanhã. Fazer de cada rapaz um homem é o lema essencial de todas as Casas do Gaiato. Cada um de vós receba um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Levei-lhes um fogão, que havia chegado na véspera, sabendo que faziam comida para a família toda, num de campismo, custando cada bilha 13 euros.

Uma exploração abominável a que os pobres estão sujeitos. Tão pouco gás, por tanto dinheiro.

Levava-lhes uma bilha normal, vazia, das pequenas, para pôr logo o fogão a trabalhar, certificando-me de que ele estava em boas condições. Não foi precisa a minha bilha, pois eles tinham uma que mandei encher. A outra, trouxe-a comigo para valer a mais pobres.

Perante a urgência de um frigorífico, não tive outro remédio, senão ir com os pais, a uma loja, e comprar um novo, por 182 €.

Os filhos andam na escola e a mais velhinha já no nono ano. O pai não sabe ler. Já frequentou um curso de seis meses mas não aprendeu o suficiente para se habilitar a qualquer exame ou adquirir certificado.

Os hábitos de trabalho e de organização pareceram-me reduzidos, sendo esta a primeira fonte da pobreza.

Fiquei de lhes levar um móvel para sala, que tenho aqui vários, mais três cadeiras, pois as que estavam, não chegam para todos se sentarem à mesa. □

Página da OBRA DA RUA na internet



Em www.obradarua.pt, os nossos Leitores podem encontrar todo o conteúdo do nosso Jornal, depois de se inscreverem como assinantes. Tal como na edição em papel, não tem preço a assinatura da edição digital.

Na nossa página, podem ser consultados todos os jornais publicados desde o primeiro número, em formato PDF. □

CINCO AMORES

Elísio Humberto

A IGREJA

Capela ou Igreja, como lhe queiram chamar,
É na aldeia o local mais sagrado,
Foi lá que eu aprendi a rezar,
Pedia a Deus p'ra ter a alma sem pecado!

De joelhos e de pé eu contemplava
Nossa Senhora e S. Francisco de Assis,
Duas imagens que Pai Américo adorava,
Devendo nós de o imitar, eu assim fiz!

O “pelicano” e o Sacrário no Altar
São elementos que me fazem meditar,
Ficar em Paz e sentir Deus nesta Casa!

Gosto também da luzinha que alumia
Quando rezo: Pai-Nosso... Avé-Maria...
Ao nosso Pai que está ali em campa rasa! □